

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

EDUARDO MINOSSI DE OLIVEIRA

**DO CAMPO À ARENA:
A TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL DOS ESTÁDIOS DENTRO DA DINÂMICA
URBANA EM PORTO ALEGRE, DOS ANOS 50 AOS DIAS DE HOJE**

**PORTO ALEGRE
Dezembro, 2010**

EDUARDO MINOSSI DE OLIVEIRA

**DO CAMPO À ARENA:
A TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL DOS ESTÁDIOS DENTRO DA DINÂMICA
URBANA EM PORTO ALEGRE, DOS ANOS 50 AOS DIAS DE HOJE**

Trabalho de Graduação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, durante o 2º semestre de 2010.

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura

Prof. Dr. Oscar Alfredo Sobarzo Miño

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Márcia Minossi de Oliveira e minha avó Cleci Minossi de Oliveira, pelo apoio nos estudos desde a época do Colégio Militar, com certeza elas são responsáveis por eu ter me formado no Ensino Médio e ter me formado no Ensino Superior, além do incentivo no dia-a-dia para a difícil tarefa da conclusão do curso.

Ao meu pai, Airton de Oliveira Filho por ter me ajudado com as fotos do trabalho e ter sido a primeira pessoa a me levar em um estádio de futebol. À Sibeli da Silva Diefenthaler e família por me apoiar sempre em minhas decisões, mesmo elas mudando constantemente, se eu cheguei ao final nesta etapa na UFRGS foi graças ao incentivo dela.

Aos meus amigos de longa data do FDC, companheiros desde o tempo do colégio, que continuaram juntos na faculdade e até hoje como Thomas Kang, Érico Loyola, Khalil Nieves, Werner Nedel, William Ritt, Dimitri Oliveira, José Rodrigo Azambuja, Renato Lauris, Carlos Ricardo Silveira, Seiji Kuamoto, Javier Sarriera e outros grandes amigos pela amizade e compenheirismo.

À meus colegas de trabalho em todas as instituições que passei durante o curso: o IBGE, Escola Erna Würth no Guajuviras e Prefeitura de São Leopoldo, em especial aos meus colegas fiscais de urbanismo de São Leopoldo e ao chefe do setor Alessandro Lovi, que não ofereceu obstáculos quanto à difícil tarefa de confeccionar este trabalho.

Ao Prof.Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares e demais professores do curso de geografia pela orientação e confiança, mesmo após tantas tentativas. Um agradecimento especial à saudosa Prof^a Vanda Ueda, que inicialmente seria minha orientadora, e me encaminhou ao Prof.Paulo. Que Deus sempre ilumine ambos em qualquer lugar que estejam.

À Trensurb e à Carris por facilitar o meu dia-a-dia, à todos os clubes, jogadores e árbitros de futebol do Rio Grande do Sul por proporcionar histórias que merecem ser contadas, à Federação Gaúcha de Futebol, instituição na qual sou árbitro assistente, e à todos os cientistas que abordam o futebol academicamente.

Por fim, a Deus.

RESUMO

O Brasil será sede em 2014 de mais uma Copa do Mundo de futebol, como já foi em 1950, e o município de Porto Alegre mais uma vez terá um estádio como sede da competição.

Mas apesar dos poucos quilômetros que separam os dois estádios-sede, o Beira-Rio e o Eucaliptos, esse intervalo de tempo entre as duas Copas do Mundo transformou o papel dos estádios de futebol na escala global, e especificamente na cidade de Porto Alegre. Estádios foram construídos e clubes foram extintos, acompanhando sempre a dinâmica econômica da cidade e os interesses capitalistas do setor imobiliário.

Esse trabalho pretende expor a evolução dos estádios de futebol em Porto Alegre ao longo dos últimos 60 anos, analisando os aspectos urbanísticos que envolvem este tipo de equipamento. Foi realizado através de pesquisas históricas e bibliográficas e apresenta como resultado este relatório final, onde são indicados os motivos para o início e o fim dos estádios no município de Porto Alegre, bem como as necessidades impostas pela indústria do esporte aos clubes ao longo desses anos.

PALAVRAS-CHAVE: Porto Alegre. Urbanização. Estádios. Copa do Mundo. Grêmio. Internacional. Especulação Imobiliária.

ABSTRACT

Brazil will be the venue for another Football World Cup in 2014, as it ever was in 1950, and the city of Porto Alegre have a stadium as site of the competition again.

Despite of the few kilometers separating the stadiums Beira-Rio and Eucaliptos, this period of time between the two World Cups, turned the role of football stadiums into global scale and specifically in the city of Porto Alegre. Stadiums are constructed and clubs have been terminated, always together with the economic dynamics of the city and the capitalist interests of the real estate sector.

This work wants to exhibit the evolution of football stadiums in Porto Alegre in the last 60 years, analyzing the urban aspects involving this type of equipment. This work was done through literature and historical researchs and present as a result this final report, where the reasons are indicated for the beginning and end of the stadiums in the city of Porto Alegre, and the necessity imposed by the sports industries to clubs, over these years.

KEY WORDS: Porto Alegre. Urbanization. Stadiums. World Cup. Grêmio. Internacional. Real Estate Speculation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Porto Alegre e a divisão municipal do RS.....	10
Figura 2: Distribuição dos estádios em Porto Alegre.....	11
Figura 3: Estádio Chácara das Camélias, bairro Menino Deus em 1942.....	29
Figura 4: Estádio Chácara das Camélias hoje: E.E.E.M. Infante Dom Henrique.....	30
Figura 5: Estádio Chácara das Camélias hoje: Supermercado Nacional.....	30
Figura 6: Estádio da Timbaúva, bairro Santa Cecília, em 30-10-1940.....	31
Figura 7: Estádio da Timbaúva em 2009.....	32
Figura 8: Lembrança da Inauguração do Estádio da Montanha (1941).....	34
Figura 9: Cemitério João XXIII com as arquibancadas remanescentes do Estádio da Montanha (2010).....	34
Figura 10: Estádio da Montanha, e parte do Cemitério João XXIII.....	35
Figura 11: Estádio Tiradentes, do G.E.Renner, no bairro Navegantes.....	36
Figura 12: Estádio da Baixada, Moinhos de Vento.....	45
Figura 13: Estádio Olímpico nos anos 60.....	45
Figura 14: Futura Arena no Humaitá.....	46
Figura 15: Estádio dos Eucaliptos, bairro Menino Deus, nos anos 50.....	48
Figura 16: Hall de Entrada do Estádio dos Eucaliptos (2010).....	48
Figura 17: Beira-Rio Modernizado.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Campeões Gaúchos de 1950 a 1960.....	25
Quadro 2: Estádios de Porto Alegre.....	27

SUMÁRIO

Introdução	8
Localização da Área de Estudo.....	10
Objetivos e Justificativa	12
1.Fundamentos Metodológicos	16
1.1. Referencial Teórico	17
2. Anos 50: os clubes de bairro e a Copa do Mundo no Menino Deus.....	22
2.1. A Copa do Mundo de 1950.....	22
2.2. Os Clubes de bairro.....	24
2.3. Supermercados: destino dos estádios em Porto Alegre (Exemplo da Timbaúva e Chácara das Camélias).....	28
2.4. Montanha, Estrelão e Arena de Cachoeirinha, a especulação imobiliária resume a história do Esporte Clube Cruzeiro.....	32
2.5. Grêmio Esportivo Renner (Tiradentes, o estádio operário).....	36
3. 2014: A Nova realidade do futebol e a Copa do Mundo de 3 bilhões de telespectadores.....	38
3.1 Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense: Baixada – Olímpico – Arena.....	43
3.2 Eucaliptos e Beira-Rio, da Copa de 1950 à Copa de 2014.....	47
4. Considerações Finais.....	50
Bibliografia.....	52

Introdução

“Perna de pau irremediável, vergonha das canchas, eu não tinha outra solução senão pedir às palavras o que a bola, tão desejada, me tinha negado”¹

Com a economia globalizada, o esporte, e no Brasil, principalmente o futebol, começou a viver uma nova era nas suas relações. O que era uma prática com fins totalmente amadores, com intuito de diversão para atletas e público, passou a ser um negócio muito lucrativo, de explorações tipicamente capitalistas, onde a burguesia passou a investir pesado nesse tipo de entretenimento, tornando os jogadores uma mercadoria, e os centenários clubes desportivos em marcas valiosíssimas, que se não obtiverem visibilidade, não terão lucro, o que ocasionará a falência, como em qualquer empresa do setor produtivo.

Segundo Augustin (1995), verifica-se a conformação de uma verdadeira malha mundial, dotada de milhares de equipamentos esportivos, que atravessa países, expande-se pelas cidades e pelo campo, e que atua intensamente na cultura e nas representações dos lugares.

Hoje, dentro do cenário do futebol gaúcho e porto-alegrense, as duas únicas “marcas” que obtêm visibilidade dentro dessa malha mundial são as do Sport Club Internacional e do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, conhecidos como “*Dupla Gre-Nal*”. Devido a fatores históricos e ao alcance continental dos clubes, estes acabam sendo as únicas verdades absolutas quando o assunto é futebol no Rio Grande do Sul, tanto no enfoque local, quanto no global.

Mas, na década de 50, muitos outros times da cidade de Porto Alegre faziam frente à “dupla Gre-Nal”. Com grandes torcidas na época, esses clubes representavam seus arrabaldes, como na época se chamavam os bairros da cidade, e jogavam o campeonato municipal, obtendo em algumas edições o título.

Como exemplos, tínhamos o Grêmio Esportivo Renner, no bairro Navegantes, e o Grêmio Esportivo Nacional, no Menino Deus, que junto com seus estádios, foram muito importantes para a afirmação da identidade de bairros então distantes do

¹ Todas as citações no início dos capítulos cabem a GALEANO, Eduardo. Futebol ao Sol e à Sombra. Porto Alegre: L&PM. 2010

centro, pois a função iconográfica de um estádio de futebol ficava ainda mais acentuada em um bairro de construções predominantemente baixas. Além disso, os estádios de bairro cumpriam uma função de rara opção de lazer para os moradores locais, que, não encontravam muitas outras opções dentro do bairro onde viviam, tendo em geral, que se deslocarem até a região central, em uma época onde a dificuldade de transporte era um empecilho ao deslocamento e os vazios urbanos entre os bairros e o centro eram muito comuns na capital gaúcha.

Dentro deste contexto, este trabalho tem como finalidade fazer uma análise sobre os motivos específicos que geraram a mudança de função dos estádios de futebol dentro do sistema urbano com a chegada da fase capitalista do futebol e, com a necessidade comercial de um clube em não ter somente um do campo de jogos, e sim uma arena multiuso, entendendo assim, o término da maioria desses clubes de bairro que eram importantes e tradicionais nos anos 50 em Porto Alegre e o que restou dos seus respectivos estádios, símbolos de uma época onde a função do estádio era outra.

Mais profundamente, iremos analisar a consolidação do esporte como carro-chefe da indústria internacional do entretenimento, e a necessidade das cidades e seus governantes de encabeçarem projetos de organização de megaeventos esportivos para pleitear sua reestruturação urbana.

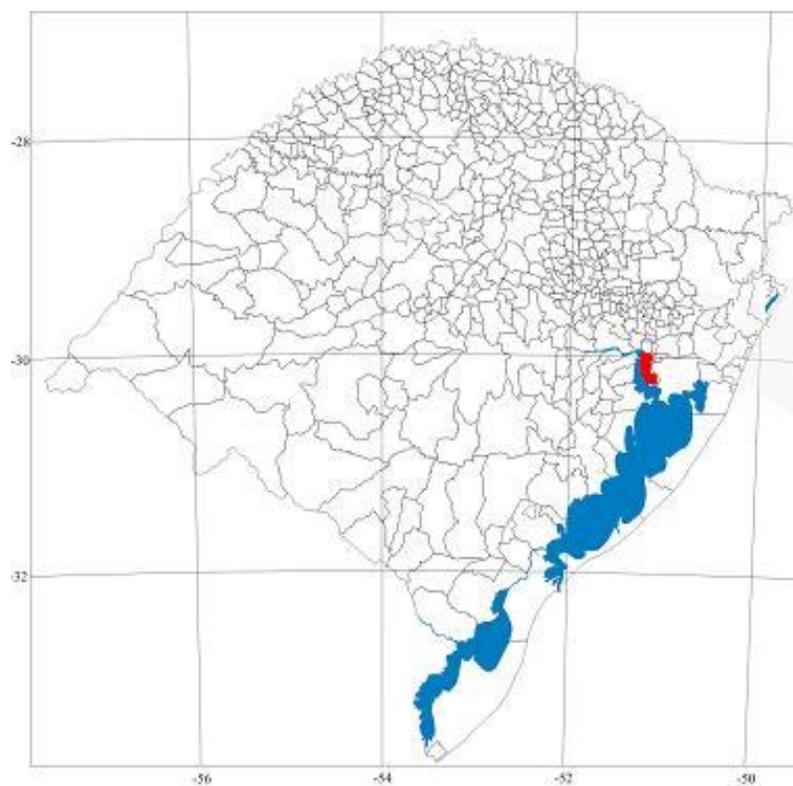
Esses megaeventos são os ícones de um marketing internacional onde há uma competição entre as “cidades globais” do mundo, uma competição que tem como troféu a exposição massiva da cidade na mídia internacional durante o curtíssimo período de tempo em que organiza um megaevento.

Entendendo isso, poderemos comparar as necessidades e as exigências para a realização Copa do Mundo de 1950 em Porto Alegre, no hoje velho e abandonado estádio dos Eucaliptos, com as necessidades para o mesmo evento ser realizado em 2014 na estádio Beira-Rio na capital gaúcha, analisando as exigências atuais que os organismos gestores do esporte passam aos comitês organizadores na forma de “recomendação”.

Localização da Área de Estudo:

A área a ser estudada é composta inicialmente pelo município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Ao aprofundar o estudo, iremos analisar a área de antigos estádios da cidade, já consumidos pelo crescimento urbano e especulação imobiliária, como a Timbaúva, no bairro Santa Cecília; os Eucaliptos, e Chácara das Camélias, no bairro Menino Deus, o estádio da Montanha no bairro Medianeira; e o Tiradentes, no bairro Navegantes. Além das praças esportivas em uso no ano de 2010 em Porto Alegre, como o Estádio Beira-Rio, Olímpico e o Passo D'Areia, além da futura Arena do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, em processo de construção no bairro Humaitá.

Localização da Área de Estudo



FONTE:
IBGE, editado.

 *Município de Porto Alegre*

Localização do Rio Grande do Sul

Figura 1: Porto Alegre e a divisão municipal do RS

Fonte: IBGE, editado pelo autor (2009)

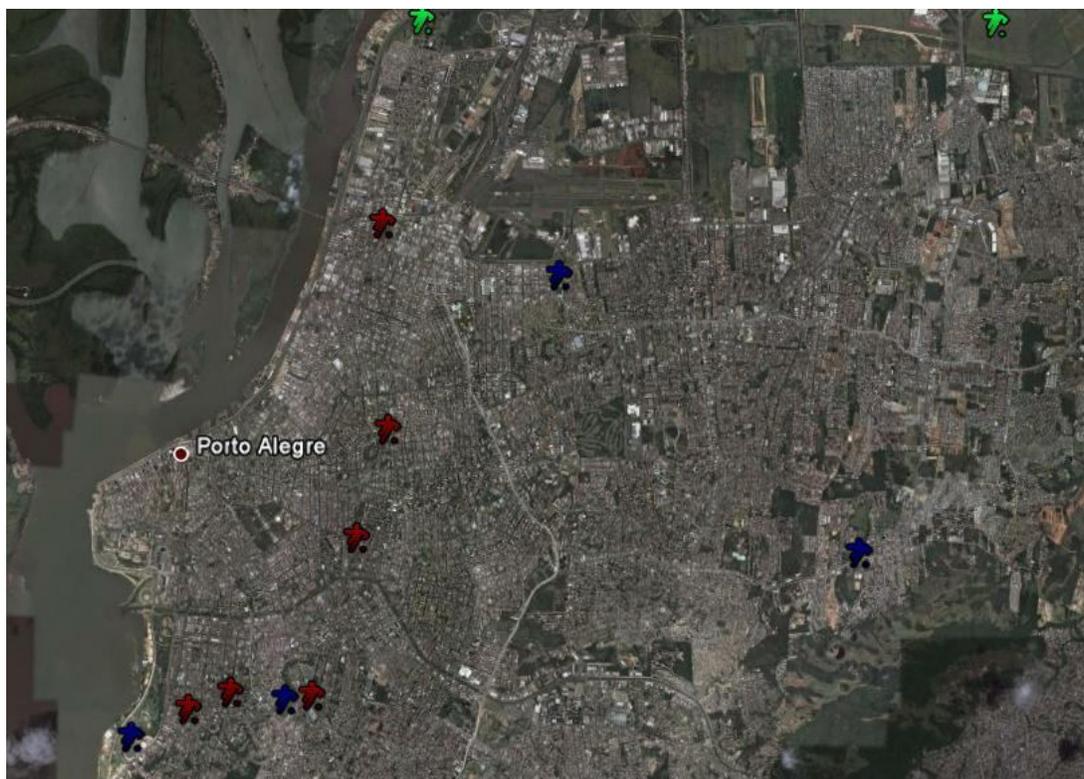


Figura 2: Distribuição dos Estádios em Porto Alegre

Fonte: O Autor (2010)

Acima, vemos uma imagem do *Google Earth*, representando o município de Porto Alegre, onde estão marcados pontos referentes aos estádios citados anteriormente. Na imagem, os ícones em azul indicam os estádios em atividade em Porto Alegre, em vermelho, os ícones indicam os estádios que estão desativados ou foram extintos, em verde os projetos de estádios futuros.

Objetivos e Justificativa:

“Em que o futebol se parece com Deus? Na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais”

Este trabalho de pesquisa tem como principal objetivo fazer um histórico sobre os clubes profissionais de bairro em Porto Alegre na década de 1950, buscando concluir os motivos do desaparecimento dessas importantes formas de lazer e manifestação popular, ligados à mudança da função de um estádio de futebol dentro de uma cidade, bem como analisar os aspectos urbanísticos e comerciais a que se envolvem as grandes cidades quando possuem o objetivo de sediar grandes eventos esportivos.

Como objetivos específicos, estão o da confecção de relatório sobre o destino atual dos estádios que estavam em atividade no município em 1950, além de um mapeamento da situação atual dos clubes de futebol de Porto Alegre.

O trabalho busca, ao conhecer os estádios da cidade em diferentes épocas, deixar clara a transformação do papel de um estádio de futebol como equipamento urbano, acompanhando a evolução do comportamento do torcedor, comparando assim, as necessidades existentes para que fossem realizados os jogos da Copa do Mundo de 1950 no estádio dos Eucaliptos, com a cartilha de exigências da FIFA para as cidades-sede da Copa do Mundo de 2014.

Nesta linha, podemos dizer que com a globalização, o mercado para o alcance do esporte como produto cresceu muito. Assim como em épocas de “guerra fria” os governos financiavam seus atletas para servirem de propaganda de um determinado sistema político, hoje, são as “poderosas engrenagens de publicidade em escala planetária, e as estratégias globais de marketing de grandes corporações transnacionais”(Proni, 1998), que investem e influenciam atletas e competições pelo mundo. Tomando o esporte como o que “exibe o mais rápido crescimento dentro da próspera indústria mundial do entretenimento” (Gratton, 1998).

Vemos assim, despertar em diversos ramos da ciência um interesse pelo estudo do mundo esportivo.

Mas, na geografia, esse tema ainda não foi amplamente difundido como passível de estudo científico. Segundo Mascarenhas (1998) no Brasil, a maioria dos profissionais em geografia aparentemente “sustenta”, que os esportes não são

adequados ao escopo de nossa disciplina. Quando se anuncia a pretensão de se realizar uma abordagem geográfica dos esportes a reação geral é de surpresa, estranhamento ou mesmo reprovação imediata.

Entretanto, a relevância desse tipo de estudo é salientada ao entendermos a influência que entidades e personalidades ligadas a esse meio, exercem sobre a sociedade, ao papel de estádios e ginásios na formação da dinâmica urbana, e, principalmente para o nosso trabalho, na formação de um imaginário coletivo em relação a um clube ou a um estádio, que extrapola a escala temporal.

No caso de estádios extintos como por exemplo a Timbaúva, do Grêmio Esportivo Força e Luz, localizado no bairro Santa Cecília, temos diretamente envolvidos diversos vetores dos interesses da economia capitalista, como o capital comercial e a especulação imobiliária. No caso do Força e Luz, após a exclusão do clube das competições oficiais devido a problemas de ordem financeira, viu-se uma gradativa diminuição deste “imaginário” da torcida e da comunidade. Esta chegou ao ponto mínimo de, em 2005, quando a diretoria anunciou que colocaria o estádio a venda, o clube divulgar que possuía apenas 75 sócios, todos com mais de 60 anos.

Hoje se tem a notícia de que o terreno da histórica Timbaúva, que já foi o maior estádio de Porto Alegre, foi vendido à uma rede de supermercados, fato citado apenas numa nota de rodapé em uma coluna do jornal Zero Hora do mês de agosto de 2008, e que, sem uma investigação científica de defesa desse patrimônio da comunidade, transformou-se na certidão de óbito do Grêmio Esportivo Força e Luz, que acabou por se desfiliar da Federação Gaúcha de Futebol em 2010.

Por isso, justifica-se um trabalho em defesa desse tipo de lazer, fora dos grandes holofotes e das grandes engrenagens do marketing esportivo, para que sejam pensadas alternativas antes dos estádios de bairro ou até os estádios de pequenas cidades virarem apenas memórias de antigos torcedores. Pois como diz Galeano (1995, p.167)

Agora milhões de pessoas podem ver as partidas, e não apenas as milhares que cabem nos estádios. Os torcedores se multiplicaram e se transformaram em possíveis consumidores de qualquer coisa que os manipuladores de imagens queiram vender.

Concorrer com o futebol de qualidade, televisionado, em que o espectador tem aliado o conforto de seu sofá é tarefa difícil para um clube modesto proprietário de um estádio acanhado.

Outro exemplo de estádio desativado impactante no imaginário popular é o estádio dos Eucaliptos, de propriedade do Sport Club Internacional, uma das marcas mundializadas do futebol gaúcho, por ter se adaptado à mercantilização do futebol como entretenimento. Essa mundialização da marca do Internacional tornou seu antigo estádio, sede da Copa do Mundo de 1950, acanhado para o tamanho da importância do clube, e fez-se necessária a construção do estádio Beira-Rio em 1969. Quando de seu projeto e construção, o estádio Beira-Rio foi planejado e executado de acordo com o grande princípio norteador na hora de se construir um estádio na época, a maior capacidade de público possível, mas sem muitos serviços capitalistas ou o conforto de um teatro ou cinema. Isso devia-se ao fato de na época o público que freqüentava estádio ser em maioria das classes C e D, o que, segundo a ótica da indústria do entretenimento, não demandava maior conforto ou serviços, pois o público não poderia pagar por isso.

Entretanto, com o advento do século XXI, os clubes brasileiros, influenciados por uma transformação capitalista na indústria do futebol na Europa, trataram de ampliar seus recursos através da “elitização” dos seus estádios e produtos, tornando o acesso ao estádio e aos serviços pertinentes ao jogo, conhecido como “*Match Day*”, um produto caro e que afasta a maior parte de seus fiéis torcedores da sua paixão.

Mas para isso, o clube não pode mais oferecer ao torcedor da “elite”, que paga caro pelo ingresso, o mesmo estádio de outrora, com arquibancadas de cimento, sob o sol e serviços de péssima qualidade. O clube tem que transformar seu estádio em uma “*Arena Multiuso*”, um conceito capitalista que exprime toda essa transformação do papel de um estádio de futebol dentro da dinâmica capitalista, a sua popularização e elitização de acordo com os interesses da indústria do esporte.

Imitando o modelo estadunidense, os clubes transformaram os estádios em centros comerciais, uma espécie de “centro de ócio”, onde o objetivo é que o consumidor fique o maior tempo possível e gaste o máximo em camisetas, restaurantes, jogos e bebidas. (Desbordes (2006) em Vanguardia, p.20)

Assim, os clubes e estádios adentram na era do capitalismo financeiro, e como toda empresa capitalista iniciam a busca ao lucro com a maior diversidade de ações possível, seja com televisionamento, seja com o “*Match Day*”, ou transformando seu velho campo em “*Arena Multiuso*”.

1. Fundamentos Metodológicos:

“Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém”

A presente pesquisa teve a seguinte metodologia para sua execução:

- Um levantamento bibliográfico, onde se apurou dados da bibliografia nacional e estrangeira sobre geografia dos esportes, mais precisamente sobre o futebol na cidade de Porto Alegre e sobre megaeventos e sua função para a dinâmica da cidade, com bibliografia sugerida pelo orientador, além de pesquisas nas bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e “sites” especializados na temática de esportes e mais precisamente futebol.

- Um trabalho de campo para pesquisar a história dos clubes de bairro e do crescimento urbano da cidade de Porto Alegre, com a coleta de informações, realização de fotografias atuais dos terrenos que historicamente tiveram papel de estádio, além de levantamento de dados históricos sobre clubes de bairro que existiram na cidade de Porto Alegre através de entrevistas com antigos torcedores e jogadores, reportagens de jornais e sites especializados, visitas à FGF, sobrepondo-os à análise da contínua evolução urbana da cidade dos anos 50 até hoje.

- Uma etapa de laboratório, para fazer uma revisão de conceitos urbanísticos, localizando os estádios desses clubes em Porto Alegre, bem como os locais que abrigaram estádios no passado, e identificar suas atuais funções no espaço urbano, através de fotografias aéreas de 2004, e de imagens de satélite disponibilizadas na internet através do *software* Google Earth, além de cartas topográficas de escala 1:50.000 da DSG e do IBGE, e de fotografias com câmera digital comum.

- E por fim, a produção do relatório final e de um mapa temático localizando espacialmente no território do município a dinâmica de transferência de clubes e estádio ao longo dos anos, estes confeccionados utilizando o *software* arcGIS, disponível no Laboratório de Geoprocessamento da UFRGS, na escala 1:20.000, divulgando assim os resultados obtidos, e apresentando no relatório as discussões acadêmicas sobre a temática dos estádios como equipamento urbano, propondo uma reflexão sobre seu papel e importância.

1.1. Referencial Teórico

“O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo”

Segundo Berque (1998), os equipamentos esportivos podem ser tomados como "paisagem-marca", resultantes que são do advento de valores e práticas sócio-culturais que se materializam num dado momento de um lugar. E neste sentido configuram um patrimônio histórico-cultural, mas também são "paisagem-matriz"

Os estádios, com sua imponência, circularidade física e temporal, funcionamento esporádico e monofuncional, lugar distinto e único de encontro coletivo e ritualizações que se repetem periodicamente, guardam, para o torcedor fanático, algumas semelhanças com os santuários. (Mascarenhas, 1998, p.54)

A geografia dos esportes, apesar de freqüentemente rechaçada pela crítica científica, se enquadra como uma ramificação da geografia cultural. Não é preciso se aprofundar cientificamente para perceber a importância do esporte na sociedade atual, seja observando o espaço nos meios de comunicação de massa que ele ocupa, seja no sentimento nacionalista ou bairrista que ele proporciona em diversas partes do planeta.

Denis Cosgrove (1998) nos alerta para uma nova geografia humana, tomada como humanidade, que ultrapassa os limites de um funcionalismo utilitário de forças demográfico-econômicas para operar com outras lógicas e motivações humanas, que produzem paisagens repletas de significados.

Partindo para uma análise calcada na geografia urbana, que faz parte da espinha dorsal do trabalho, observamos grande preocupação dos teóricos com a importância de um estádio para a dinâmica do crescimento e do fluxo de uma cidade, como diz Mascarenhas(1998, p.55),

o esporte, enquanto atividade econômica voltada para o entretenimento comercializado, precisa ser oferecido em lugares apropriados. São estádios, ginásios, pistas diversas, enfim, um amplo conjunto de equipamentos fixos na paisagem e geralmente de grande porte físico, o que resulta em maior capacidade de

permanência. São também objetos de grande visibilidade na paisagem urbana, comparecendo assiduamente no repertório imagético da sociedade, como por exemplo nos mapas mentais. Tais objetos, além de se apresentarem freqüentemente como paisagem durável (decorrente do grande investimento necessário para edificação) e ampla visibilidade (decorrente do porte físico), podem ainda constituir importante centralidade física e simbólica no interior do espaço urbano.

Quanto aos estádios de bairro em Porto Alegre, esses se caracterizavam por uma representação do estádio do centro da cidade, pois ao entender o isolamento de certos bairros, muito peculiar de Porto Alegre, podemos compreender um bairro como uma pequena cidade encravada dentro dos limites da capital. Assim como afirma Strohaecker(1995), no começo do século XX, apesar de a densificação da cidade ter aumentado consideravelmente com o surgimento dos bairros, estes mantêm-se como “ilhas” isoladas pela topografia acidentada e a comunicação entre eles se dá necessariamente pelo centro.

Ainda hoje, devido a um planejamento equivocado de transporte dentro da cidade, a maioria dos deslocamentos entre bairros têm a necessidade de ter o centro da cidade como entreposto, já que são poucas as iniciativas urbanísticas no sentido de configurar uma rede viária de qualidade entre bairros. Só recentemente foi concluído o projeto engavetado a mais de 40 anos da 3ª perimetral, uma via rápida ligando norte e sul da cidade sem passar pelo Centro, além das linhas de ônibus transversais, cuja primeira só veio a ser instalada nos anos 80, sendo que atualmente o município só possui 11 linhas deste tipo, a maioria criada nos últimos 10 anos. Sendo assim,

Pouco a pouco, a participação do passado na paisagem urbana limita-se a monumentos cada vez mais isolados de seu contexto, sendo esse passado aprisionado em uma massa urbana nova que infelizmente possui o grave defeito de ser muito pouco modelada por um urbanismo consciente. (George, 1983, p.38)

Entre essa análise local da dinâmica dos bairros, e a análise global das estratégias do marketing internacional das cidades existe uma linha muito tênue, pois uma cria os parâmetros para que a outra tenha relevância.

No sentido global, o papel da cidade no sistema capitalista mundial, depende de conquistas obtidas em uma verdadeira “guerra das cidades” para sediar os megaeventos esportivos e culturais, como diria Capel (2010,p.7),

há anos, as cidades tentam desenvolver estratégias de marketing urbano, e os grandes acontecimentos esportivos são uma boa ocasião pra isso, já que consolidam uma imagem mundial e têm uma repercussão positiva no desenvolvimento urbano.

Entretanto, a entrada da cidade nessa competição mundial, não surge de maneira orgânica dentro do seio da sociedade ou do anseio dos cidadãos que nessas cidades vivem, tudo faz parte de uma estratégia dos governantes locais para obter aquilo que mais interessa para um governo incluído na ótica neoliberal da globalização: a atração de investimentos privados. Essa lógica dos interesses envolvidos em sediar um evento esportivo está muito bem esclarecida por Mascarenhas, Bienestien e Sánchez (2010,p.1).

Neste cenário, há uma nítida influência de interesses entre dois campos emergentes no contexto neoliberal: a nova economia do esporte e o novo paradigma da gestão das cidades.

Os mesmos autores definem como “cidade empreendedora”, a fantasia de venda criada pelos governos para promover certas características que atraem o investimento privado e preenchem os requisitos das agências reguladoras e federações esportivas internacionais para que a cidade seja sede dos chamados “megaeventos”. Essas características podem ser a organização urbana, sistemas de transportes, saúde pública, empresariado forte, além de demais exigências mínimas, que precisam ser enaltecidas na hora que uma cidade se candidata a sede de algum evento. Pois, segundo Harvey (2001, p.171) “o poder de organizar o espaço se origina em um conjunto complexo de forças mobilizados por diversos agentes sociais”.

Caso a cidade não possua alguma característica considerada importante nesse contexto, como por exemplo, um serviço aeroportuário de qualidade, os governantes apresentam a essas organizações um turbilhão de promessas de investimentos na resolução desse problema localizado, deixando por vezes de lado, alguns problemas mais urgentes da cidade e que atingem uma parcela muito maior e menos favorecida da população, como redes de esgoto em loteamentos irregulares, tornando assim, a cidade escolhida como sede, submissa a uma cartilha de investimentos direcionados pelo órgão detentor da marca do evento.

Segundo Harvey (2001, p.167) essa abordagem “empreendedora” veio substituir nos anos 70, a abordagem “administrativa” dos anos 60, segundo ele “os

benefícios positivos são obtidos pelas cidades que adotam uma postura empreendedora em relação ao desenvolvimento econômico”.

Postura empreendedora é trazer para a administração pública as idéias e fórmulas adotadas para se manter uma empresa com lucro,

Esse empreendedorismo tem, como elemento principal, a noção de “parceria público privada”, em que a iniciativa tradicional local se integra com o uso dos poderes governamentais locais, buscando e atraindo fontes externas de financiamento (Harvey, 2001, p.172)

No caso da Copa do Mundo de futebol, a empresa gestora do evento que ramifica seus interesses dentro dos poderes públicos locais é a FIFA (*Federation International Football Association*), uma confederação esportiva que segundo Boniface (2006, p.12) tem mais poder do que muitos organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU).

A FIFA foi fundada em 1904 pelas potências européias França, Espanha, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Suécia e Suíça, e possui hoje 207 membros, contra 191 da ONU. São 23 membros da FIFA que não estão na ONU, alguns simbólicos como a reunião de Taiwan e China e a de Israel e Palestina na mesma entidade. A federação que cresceu em patrimônio e em poder ao longo do século, coordena o mais globalizado dos esportes, que, ao contrário de todas as outras faces da globalização não decorre de uma “americanização”, pois o futebol foge da dominação norte-americana, pela cultura e apego nacional por outros esportes nos Estados Unidos. É o que define Hobsbawm (Folha de São Paulo, 04/08/2003) sobre globalização e futebol:

O futebol hoje sintetiza muito bem a dialética entre identidade nacional, globalização e xenofobia dos dias de hoje. Os clubes viraram entidades transnacionais, empreendimentos globais. Mas, paradoxalmente, o que faz do futebol popular continua sendo, antes de tudo, a fidelidade local de um grupo de torcedores para com uma equipe E, ainda, o que faz dos campeonatos mundiais algo interessante é o fato de que podemos ver países em competição. Por isso acho que o futebol carrega o conflito essencial da globalização.

A seguir, faremos um histórico da relação estádios e desenvolvimento urbano em Porto Alegre, em diferentes épocas, a partir da análise caso a caso das diferentes situações que envolvem a construção e o desaparecimento desses estádios.

2. Anos 50: os clubes de bairro e a Copa do Mundo no Menino Deus

“A História do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar”

Porto Alegre, e as demais cidades brasileiras nos anos 50, vivam uma fase em que depois de concretizarem seus planos de melhoramentos seguindo os preceitos *haussmannianos* do urbanismo “sanitarista”, já engatinhavam nos novos conceitos de planejamento urbano baseados no advento dos planos diretores, em que os interesses da aristocracia rural até então dominantes são substituídos pelos interesses da nova burguesia urbano-industrial.

Na capital gaúcha, o Plano de melhoramentos do arquiteto João Moreira Maciel, de 1914, que balizava qualquer obra pública na cidade, como a Avenida Borges de Medeiros e retificação do Arroio Dilúvio, foi sendo aprimorado por Edvaldo Pereira Paiva e implementado por José Loureiro da Silva até ser em 1959 substituído pelo primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, que previa entre outras obras as Avenidas Perimetrais.

2.1. A Copa do Mundo de 1950

É dentro desse contexto de industrialização recente que em 1950 é organizada no Brasil a 4ª Copa do Mundo de futebol. A escolha do Brasil deveu-se principalmente pela impossibilidade da Europa no pós-guerra organizar tal evento. Os países do velho continente passavam por uma onerosa reconstrução financiada pelos Estados Unidos, e tinham seus gastos canalizados para esse fim, por isso, segundo os padrões da FIFA, o mundial deveria ser na América do Sul, tradicionalmente, ao lado da Europa, pólo futebolístico mundial.

Contudo, a escolha do Brasil como sede não foi unânime. A Argentina, que também tinha pretensões de sediar o evento, não enviou sua seleção em protesto contra a escolha do Brasil como sede, assim como alguns países europeus como Itália e Portugal também não enviaram delegação, alegando má organização do

evento, que previa viagens muito longas pelo interior de um país com uma rede de transportes precária, tanto terrestre quanto aérea, o que desgastaria os atletas.

O que, em certo ponto, contrapunha o ideal da organização do evento que seria “projetar no exterior todo um modelo de país que se desejava, brilhante, criativo, genial, promissor” (Revista VEJA, Abril de 1948).

Como a única exigência da FIFA era que todos os estádios tivessem a capacidade mínima de 20.000 espectadores, as únicas intervenções públicas no país foram a construção de estádios Brasil afora, incluindo o que seria o maior do mundo na época, o Maracanã no Rio de Janeiro, com capacidade de 150.000 pessoas, construído com verba do Governo do Distrito Federal, além do Estádio Independência, em Belo Horizonte, promessa de campanha do prefeito de Belo Horizonte Otacílio Negrão de Lima.

O estádio dos Eucaliptos, do Internacional, foi na época o escolhido pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos), atual CBF, como a sede porto-alegrense do mundial, vencendo as outras propostas que seriam o estádio da Montanha do Cruzeiro e a construção de um estádio municipal. Foi adotado um projeto de reformulação do estádio, com suas arquibancadas de madeira voltadas para a Rua Silveiro sendo substituídas por um moderno pavilhão de concreto. Com esse pavilhão, a sua capacidade de 10.000 espectadores foi dobrada. O estádio sediou dois jogos do mundial, México x Iugoslávia em 29/06/1950 e Suíça x México em 02/07/1950. Para esse último jogo, a seleção do México teve que usar uniformes do Esporte Clube Cruzeiro, pois possuía somente camisas vermelhas, que eram a mesma cor da camiseta suíça.

Contudo, a preparação brasileira para o mundial recebeu críticas pelo andamento das obras necessárias, como retrata a revista VEJA de Abril de 1948 sob o título “Bola Parada”

A dois anos do primeiro campeonato mundial de futebol do pós-guerra, os preparativos para o torneio no Brasil seguem a passos de tartaruga. Os cartolas da FIFA estão preocupados.

A matéria alerta que, a menos de dois anos do início previsto para o mundial, não havia sequer sido instituído um comitê organizador e nenhuma obra havia sido iniciada, inclusive a do “glorioso Estádio Municipal do Distrito Federal, futuro cartão-postal do Brasil para o mundo”(revista VEJA, Abril de 1948), o que nos remete

facilmente à algumas notícias que lemos hoje, em 2010, sobre os preparativos para a nova Copa do Mundo brasileira.

Um sinal de que, apesar de uma Copa do Mundo ter se tornado um evento global, os vícios do poder público brasileiro na hora de organizar eventos continuam os mesmos.

Nota-se também que não havia nenhuma preocupação por parte da organização do evento de 1950, em garantir algum legado no aspecto urbanístico, pois, como a Copa do Mundo e a indústria do turismo não tinham alcançado a capacidade midiática e a estrutura que possuem hoje, o evento tinha como público-alvo apenas os brasileiros moradores das cidades sub-sedes. Por ser um evento sem turistas não se tinha a preocupação como hoje em dia, em se “maquiar” os problemas ou resolver às pressas as veias abertas latentes da cidade, e, portanto o único legado que se propunha para as cidades, era a construção de praças esportivas modernas e de grande capacidade de público, pois os estádios da época já não atendiam ao grande interesse do público e à massificação do esporte.

Em Porto Alegre, como o projeto proposto previa uma reforma simples, e não a construção de um grande estádio. A modernidade do Estádio dos Eucaliptos durou exatos 19 anos. Foi quando o estádio tornou-se obsoleto e o Sport Club Internacional migrou para o recém construído Beira-Rio.

2.2. Os clubes e os bairros

O comportamento da sociedade porto-alegrense em 1950 era muito diferente da atual. A dificuldade de transportes e comunicação tornava isolada a pequena metrópole regional de 394.000 habitantes, muito distante dos grandes centros econômicos do país. A pouca integração de relações comerciais entre os países da América do Sul, também a afastava um pouco da influência das metrópoles do Rio da Prata. Isso tornava a cidade isolada, porém peculiar, os grandes interesses e conflitos eram os internos, como Souza e Müller(1987) definem, os anos 50 seriam o início da “fase de metropolização” da capital gaúcha.

E isso se explicitava também no futebol, onde o principal campeonato que ocupava boa parte do calendário anual era o Campeonato Citadino de Porto Alegre, que envolvia os clubes da capital e região.

Por ser um campeonato de distâncias curtas e de baixos custos, muitos eram os clubes que decidiam se aventurar a representar seu bairro ou cidade nos campeonatos. Só do município de Porto Alegre eram sete, todos com a sua torcida e seu estádio; o Internacional dos Eucaliptos, o Grêmio da Baixada do Moinhos de Vento, o Cruzeiro, da Montanha, o Nacional, da Chácara das Camélias, o Força e Luz da Timbaúva, o São José do Passo D'Areia e o Renner, do Navegantes.

Ao final da temporada, os campeões dos mais variados campeonatos citadinos do estado se reuniam para jogar o campeonato estadual, em sistema de “mata-mata”, onde em geral um clube de Porto Alegre jogava a final do estadual contra um time da zona sul do estado, como vemos a lista dos finalistas do campeonato estadual de 1950 a 1959.

Quadro 1 – Campeões Gaúchos de 1950 a 1960

<i>Ano</i>	<i>Campeão</i>	<i>Vice-Campeão</i>	<i>3ºColocado</i>
1950	Internacional	Novo Hamburgo	Brasil de Pelotas
1951	Internacional	Pelotas	Rio Grande
1952	Internacional	Novo Hamburgo	Brasil de Pelotas
1953	Internacional	Brasil de Pelotas	Uruguaiana
1954	Renner	Brasil de Pelotas	Ferro Carril (Uruguaiana)
1955	Internacional	Brasil de Pelotas	Cruzeiro (S.Gabriel)
1956	Grêmio	Pelotas	Cruzeiro (S.Gabriel)
1957	Grêmio	Bagé	Riograndense (Rio Grande)
1958	Grêmio	Guarany de Bagé	14 de Julho (Livramento)
1959	Grêmio	Farroupilha (Pelotas)	Santa Cruz
1960	Grêmio	Pelotas	Nacional (Cruz Alta)

Fonte: Dienstmann (1987)

As viagens eram geralmente feitas de trem, o transporte mais rápido, popular e estruturado no Rio Grande do Sul à época. Até meados do século XX, eram próximas as ferrovias e às estações que nasciam as cidades. Podemos observar reflexos disso em todas as grandes cidades do interior: enquanto a linha férrea corta a cidade até uma estação próxima ao centro, as estradas, construídas mais tardiamente, geralmente passam por fora do núcleo urbano, sendo a entrada da cidade, um entroncamento com alguma avenida radial.

Na estrutura moderna de interdependências sociais, está inerente a demanda do esporte inter-regional e representativo. Esta demanda não se apresentou nas sociedades pré-industrializadas devido à falta de unificação nacional e aos meios de transporte e comunicação. (ELIAS e DUNNING, 1986, p.264)

Contudo, em 1961, com o avanço das rodovias, gerando um estado mais unificado e interligado, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) conseguiu unificar o campeonato estadual em uma liga, com times de várias regiões do estado e duas divisões. Assim, com o tempo, os clubes menores de Porto Alegre começaram a ter dificuldades financeiras, pois além de não ter mais a renda dos jogos contra Grêmio e Internacional, viam sua torcida diminuir gradativamente, pois não conseguiam sair da segunda divisão estadual, um campeonato em geral caro e desgastante, que previa viagens pelo interior e jogos contra adversários de baixa qualidade.

Assim, depois de alguns anos de implantada a nova fórmula, vários desses clubes como Nacional e Força e Luz abandonaram o futebol profissional por não possuírem condições financeiras para as disputas e, deste modo, os adversários da “*dupla Gre-Nal*” se tornaram principalmente os grandes clubes do interior como Juventude, Brasil de Pelotas ou Guarany de Bagé.

Com os clubes fora das competições, os estádios sem manutenção envelheceram, cidade no entorno cresceu e, por consequência, ocorreu uma valorização dessas áreas, o que provocou o fim das antigas casas dos clubes de Porto Alegre.

O Grêmio, que já havia trocado a Baixada no Moinhos de Vento pelo bairro Azenha, trocará em breve o Olímpico pela Arena do Humaitá. O Internacional, que mantém abandonado o Eucaliptos a mais de 40 anos, vendeu o estádio para uma construtora para financiar as reformas do Beira-Rio para a Copa de 2014. O Cruzeiro

trocou de bairro e depois de município. Força e Luz e Nacional venderam seus campos para as redes varejistas e fecharam o clube.

Em todos esses terrenos a ação das grandes construtoras e a prática da especulação imobiliária é evidente, no local foram ou serão construídos empreendimentos residenciais e comerciais, sempre sepultando parte da memória do futebol gaúcho para sempre.

A seguir vemos uma tabela de Dienstmann(1987), complementada, sobre os estádios de Porto Alegre nos anos 1950, e a função deles no espaço urbano nos dias de hoje.

Quadro 2 – Estádios de Porto Alegre

Estádio	Clube	Localização	Função Atual
Eucaliptos	S.C. Internacional	R. Silveiro, Menino Deus	Abandonado (Vendido)
Olímpico	Grêmio F.B.P.A.	Azenha	Em atividade
Tiradentes(Waterloo)	G.E. Renner	Av.Sertório, Navegantes	Inexistente (condomínio)
Timbaúva	G.E Força e Luz	R.Dr. Alcides Cruz, Santa Cecília	Abandonado (Vendido)
Passo D'Areia	São José E.C.	Passo D'Areia	Em atividade
Colina Melancólica	E.C. Cruzeiro	Av.Natal, Medianeira	Inexistente (cemitério)
Chácara das Camélias	Nacional E.C.	R. José de Alencar, Menino Deus	Inexistente (supermercado)

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2010)

2.3. Supermercados: destino dos estádios em Porto Alegre (Exemplo da Timbaúva e Chácara das Camélias)

“De repente, Sanfilippo me mostra a pilha de vidros de maionese e grita: ‘ele colocou a bola bem aqui!’”, relatou o escritor Osvaldo Soriano. “Deixei-a quicar, e plum!”, disse o ex-artilheiro. “Parece a todos nós que a bola entra por cima, justamente onde estão as pilhas para rádio e as lâminas de barbear”,

Um clube de futebol, apesar de por vezes não conseguir lucrar com sua função primordial, a de se fazer esporte, pode lucrar com o seu patrimônio. O patrimônio de um clube é constituído ao longo da história através de contribuições de aficionados ou de um certo apoio do poder público. A área do estádio Beira-Rio do Internacional e a Boca do Lobo, estádio do Esporte Clube Pelotas, são exemplos de terrenos valorizadíssimos, doados pelo poder público aos clubes, para que estes construíssem seus estádios, através de acordos políticos.

Investir em patrimônio é a certeza de ter retorno no aspecto social. Grandes clubes porto-alegrenses como a Sogipa e o Grêmio Náutico União, sobrevivem principalmente de sua fantástica estrutura para atrair sócios a desfrutarem dela. Desfazer-se ou permutar esse patrimônio é uma decisão que envolve não apenas as questões financeiras, mas em um clube de futebol também a paixão de torcedores e a valorização da área de um estádio perante o crescimento do bairro ao seu entorno. Os terrenos que abrigam estes estabelecimentos esportivos, costumam ocupar grandes glebas de terra, e são essas glebas as que mais interessam um setor da economia: o comércio varejista, com a finalidade de construção de supermercados.

Foi assim com o “*El Gazómetro*” em Buenos Aires, estádio do Club San Lorenzo de Almagro, vendido aos franceses do Carrefour em 1983, o antigo Campo da Liga, do Avaí Futebol Clube em Florianópolis, vendido para o Grupo Kobrasol construir o Beira-Mar Shopping e com campo do Bauru Atlético Clube, clube que revelou Pelé para o futebol, e que vendeu todas as suas dependências para o Supermercado Tauste, que ostenta quadros em homenagem ao clube formador do maior jogadores de todos os tempos dentro do estabelecimento. Esse tipo de troca, é relatada na frase de introdução deste capítulo, onde Galeano(1995) registra um diálogo entre o ex-atacante do San Lorenzo Sanfilippo e o escritor argentino Osvaldo Soriano, dentro do supermercado Carrefour onde se localizava o estádio “El Gazómetro”, em que o jogador relata um gol sobre o Boca Juniors em 1962.

O conceito de hipermercado foi importado à Porto Alegre nos anos 70, e o primeiro a implementá-lo na capital foi o Grupo Josapar, ainda hoje o maior grupo arroseiro do estado, dono da marca Tio João. E foi justamente em parte do abandonado estádio Chácara das Camélias, na avenida José de Alencar que foi construído o Hipermercado Kastelão.

O Estádio da Chácara das Camélias foi inaugurado em 1923 pelo Fussball Club Porto Alegre, que junto com o Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense foram os primeiros clubes de futebol da capital. O estádio foi construído com madeira, e foi palco de jogos importantes, entre eles diversos Gre-Nais.

Com a má situação do financeira do clube, o local foi vendido para o Nacional Atlético Clube, um clube de ferroviários porto-alegrenses, em 1942. Logo a seguir, em 1944, o Porto Alegre foi extinto. O estádio da Chácara das Camélias manteve-se como sede do Nacional até 1958, quando este, afundado em dívidas também foi abandonando as competições oficiais até ser extinto anos depois. A área permaneceu relativamente abandonada até metade da década de 1970, quando foi vendida ao Grupo Josapar. Hoje no local, na parte da goleira sul, na entrada do antigo estádio, está estabelecido o supermercado Nacional da av. José de Alencar, e na goleira norte está estebelecida a Escola Estadual de Ensino Médio Infante Dom Henrique.



Figura 3: Estádio Chácara das Camélias, bairro Menino Deus em 1942.

Fonte: Blog Leal e Valorosa (lealevalorosa.blogspot.com)

Hoje em dia, metade do terreno é uma escola de ensino médio, outra metade um supermercado.



Figura 4: Estádio Chácara das Camélias hoje: E.E.E.M. Infante Dom Henrique
Fonte: O Autor (2010)



Figura 5: Estádio Chácara das Camélias hoje: Supermercado Nacional
Fonte: O Autor (2010)

Quarenta anos depois da cidade perder o Nacional Atlético Clube para ganhar um supermercado, mais um tradicional clube da cidade tem o mesmo destino. O Grêmio Esportivo Força e Luz, clube fundado por funcionários da “*Electric Bond e Share*”, empresa britânica que deu origem à CEEE e à Carris, em 2006, vendeu, através de leilão, seu tradicional estádio, a Timbaúva, localizado na rua Doutor Alcides Cruz, bairro Santa Cecília, por R\$ 9,5 milhões. Com a venda do estádio, o clube perdeu todo seu patrimônio e não buscou alternativas para se manter ativo. O que restou foi protocolar na Federação Gaúcha de Futebol (FGF) a sua extinção em 2010.

A Companhia Zaffari foi a compradora da propriedade e planeja para área a construção de um centro comercial “*Bourbon*”, com shopping e supermercado. Segundo o ex-presidente do Força e Luz, Rubem Franco(2010) “Depois que foi vendido, eu nunca mais quis passar ali na frente”, É esse o sentimento de perda de patrimônio que a cidade sofre com um novo destino para um estádio, e a velha Timbaúva, assim como a Chácara das Camélias, a Montanha e os Eucaliptos é mais um símbolo do futebol gaúcho que vai permanecer somente na memória de quem lá viveu grandes emoções.



Figura 6: Estádio da Timbaúva, bairro Santa Cecília, em 30-10-1940

Fonte: Site Picasaweb (picasaweb.google.com)



Figura 7: Estádio da Timbaúva em 2009

Fonte: Jornal Zero Hora

2.4. Montanha, Estrelão e Arena de Cachoeirinha, a especulação imobiliária resume a história do Esporte Clube Cruzeiro.

Dentre todos os clubes de bairro de Porto Alegre, um se destacava perante os demais, seja no tamanho da torcida, nos resultados obtidos e no tamanho do estádio. O Esporte Clube Cruzeiro, campeão estadual de 1929, construiu uma história sólida na primeira metade do século XX, a ponto de ser considerado por muitos anos a terceira força do futebol do estado. Em 1941, inaugurou seu estádio no bairro Medianeira, próximo à Avenida Porto Alegre, o estádio da Montanha, que também era chamado de “Colina Melancólica”, e que quando de sua fundação era o maior estádio da cidade fora o da dupla *Gre-Nal*, com capacidade estimada de 20.000 espectadores.

No estádio da Montanha, segundo Luiz Fernando Veríssimo (Zero Hora-16/12/2006) “havia um barranco atrás de uma das goleiras que era o melhor lugar para se assistir futebol em Porto Alegre”. Ainda no início da década de 40, instalou-se neste complexo do Esporte Clube Cruzeiro, a Faculdade de Educação Física de Porto Alegre, que depois se incorporaria à UFRGS, sendo uma das primeiras experiências de integração universidade-clubes do Brasil.

Mas a história do Cruzeiro começou a ganhar um novo destino no fim dos anos 60, quando o então presidente cruzeirista Rafael Peres Borges vendeu o Estádio da Montanha, para a Associação Cristã de Moços (ACM) construir um moderno cemitério vertical, o primeiro da cidade neste formato. O último jogo do

Cruzeiro na Montanha foi no dia 8 de novembro de 1970, quando o Estrelado venceu o Liverpool, do Uruguai por 3 x 2. E, segundo relatos do site oficial do clube “Vários torcedores deixaram o estádio chorando.”

Na época, a venda do estádio foi apresentada pelos dirigentes como a solução para os problemas financeiros do clube. Com o dinheiro, o clube se reestruturaria para se manter como a terceira força do estado e construiria um moderno estádio para 30.000 pessoas em um terreno comprado no final da Avenida Protásio Alves, zona de prematura expansão imobiliária na época e ainda com sérias dificuldades de deslocamento.

No entanto, os anos foram passando, e o estádio jamais saiu do papel. No terreno comprado, apenas foram construídos alguns lances de arquibancada para que o clube continuasse disputando as competições oficiais, o que mesmo assim deixou de fazer entre 1977 e 1991. O estádio “provisório” do Cruzeiro até hoje é o estádio do clube, o Estádio Estrelão.

O Estrelão, que inicialmente era um estádio inacessível à torcida numa região pouquíssimo urbanizada, foi sendo englobado à mancha urbana da cidade aos poucos, loteamentos como o Jardim Ypu e o Residencial Protásio Alves deram mais opções de transporte ao local e trouxeram moradores e serviços urbanos ao entorno do terreno.

A valorização da área, a especulação imobiliária, aliada ao bom momento da construção civil nos últimos anos, despertou o interesse das grandes construtoras sobre o terreno do clube. Assim, em 2010, o clube anunciou mais uma troca de endereço. Vendeu o terreno do Estrelão para o grupo mineiro MRV, que segundo noticiado no site do clube, deverá construir 740 unidades residenciais na área, dentro do programa Minha Casa, Minha Vida, e, em contrapartida, com o dinheiro arrecadado, o Cruzeiro irá construir uma “Arena Multiuso” com capacidade de 15 mil espectadores no município de Cachoeirinha, com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal da cidade.

Segundo entrevista do presidente do Cruzeiro Dirceu de Castro ao Jornal do Comércio (31/08/21010), essa transferência tem aspectos emocionais semelhantes aos verificados quando o clube vendeu o estádio da Montanha. “Foi uma grande batalha nos nossos conselhos o convencimento para mudarmos de município”.

E assim, a capital gaúcha perde mais um clube, e mais um complexo esportivo, vítima da expansão e da especulação imobiliária.



Figura 8: Lembrança da Inauguração do Estádio da Montanha (1941)

Fonte: Blog Relíquias do Futebol ²



Figura 9: Cemitério João XXIII com as arquibancadas remanescentes do Estádio da Montanha (2010)

Fonte: O Autor (2010)

²[HTTP://reliquiasdofutebol.blogspot.com](http://reliquiasdofutebol.blogspot.com)



Figura 10: Estádio da Montanha, e parte do Cemitério João XXIII

Fonte: O Autor (2010)

2.4.1. Grêmio Esportivo Renner (Tiradentes, o estádio operário)



Figura 11: Estádio Tiradentes, do G.E.Renner, no bairro Navegantes
Autor Desconhecido ³

Assim como a Juventus de Turim pertence ao Grupo Fiat, o PSV de Eindhoven pertence à Phillips e o Leverkusen pertence às Indústrias Bayer, em Porto Alegre também tínhamos um exemplo de clube fundado, dirigido e ligado à uma grande empresa capitalista. O Grêmio Esportivo Renner, fundado em 1931, pertencia ao grupo industrial de A.J.Renner e era o representante do 4º distrito da capital, que hoje trata-se dos bairros Navegantes, São Geraldo e São João. Seu estádio, denominado Estádio Tiradentes, mas popularmente conhecido como “Waterloo”, localizava-se na esquina das avenidas Sertório e Farrapos e tinha uma estrutura invejável se comparado com os outros estádios de bairro de Porto Alegre.

O Renner, mesmo tendo durado apenas 28 anos, foi o único da capital a ter conquistado o campeonato estadual, em 1954. Como diz Horn (2009), o Renner deixou “órfãos da arquibancada”, assim chamados os torcedores que, mesmo após

³ www.temposdofutebol.blogspot.com

quase 50 anos de extinção do clube, continuam torcendo pelo time. Inclusive, alguns destes ainda carregam consigo a carteirinha de sócio do clube.

A diferença desse clube para os outros talvez esteja no bairro que ele representava, o Navegantes. O pesquisador Sérgio Bechelli no documentário “Papão de 54” (2005), afirma que o crescimento da torcida do Renner esteve aliado ao desenvolvimento do bairro Navegantes, o “bairro-cidade”, onde se instituíam as grandes indústrias com seus operários, como a mantenedora do clube Renner e Cia.Ltda. Sendo assim, o crescimento do clube e a construção de um grande estádio para a época não foi um evento inexplicável, ele advém da pujança do bairro industrial e da grande quantidade de moradores que nele vivem buscando uma proximidade de sua residência com as fábricas. O Renner em suma, era a cultura e o lazer operário formando-se a partir do núcleo capitalista.

Nos dias de hoje, o cenário no bairro Navegantes é outro. Com a tendência da migração das indústrias da capital para a região metropolitana, as grandes fábricas do bairro foram fechando, e por conseqüência o bairro foi esvaziando. Sua população, que segundo o IBGE em 1980 era de 10.543 habitantes, em 2001 atingia apenas 4.475. Entretanto, sua posição estratégica como caminho entre o centro e o aeroporto, impulsiona a prefeitura municipal, a incentivar o crescimento do bairro para o futuro, sendo o único da cidade com um limite de altura predial especial, e tendo, inclusive, um programa público municipal especial de revitalização, o projeto “Porto do Futuro: Revitalização do 4º Distrito”. Talvez seja a retomada dos tempos áureos do bairro, mas sem o som das fábricas e da torcida no estádio Tiradentes.

3. 2014: A Nova realidade do futebol e a Copa do Mundo de 3 bilhões de telespectadores

“Está comprovado, com toda certeza, que o mundo gira em torno de uma bola que gira: a final do Mundial de 94 foi assistida por mais de dois bilhões de pessoas, o público mais numeroso de todos os que se reuniram ao longo da história desse planeta”

No dia 30 de Outubro de 2007, a FIFA escolheu como sede da Copa do Mundo de 2014 o Brasil. Observando as exigências e os planos do comitê organizador, o segundo mundial organizado pelo país em nada se parecerá com aquele de 1950. O futebol por si só, já possui outra magnitude se comparado àquela época, como bem define Boniface (2006):

O futebol é o estágio final da globalização. Não existe atualmente um fenômeno mais global. Seu império não conhece fronteiras nem limites. É o arquétipo da globalização e da mundialização, em grau maior do que a democracia, a economia de mercado ou a internet” (BONIFACE, 2006 p.6)

Uma Copa do Mundo, o evento máximo do esporte, atrai ainda os espectadores casuais, aqueles que se interessam mais pela importância do evento para a cultura mundial do que pelo esporte em si. Estima-se que a final da Copa do mundo de 2010 foi assistida por 3 bilhões de espectadores, quase metade de toda a população do planeta. Segundo Boniface (2006) isso se deve pelo papel cultural do futebol, sendo talvez o único elemento da cultura mundial que todos entendem e que salta por cima das diversidades de regiões, nações e gerações.

Portanto, organizar um evento dessa importância passa a ser importante não só esportivamente para um país, mas pode transformar a sociedade e a economia através de estratégias de marketing urbano e ações sociais transformadoras.

Um exemplo de cidade que foi transformada por um evento esportivo é Barcelona, sede dos Jogos Olímpicos de 1992. A estratégias usada pela cidade foram:

a criação de espaços públicos (inicialmente com foco bastante local) e as grandes operações urbanísticas (nesse caso operando em uma escala bem maior) ligadas a grandes eventos, como por exemplo as Olimpíadas de 1992 e o “Fórum de las Culturas”, realizado em 2004. De alguma forma, não se tratou apenas de transformações materiais, associou-se tais mudanças a uma nova imagem da cidade: uma cidade moderna e dinâmica.(Ferreira, 2010, p.3)

Para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, o Brasil utiliza desse mesmo discurso de potencializar o crescimento econômico apresentado em números e transformá-lo em uma realidade de país desenvolvido, apresentando ao mundo sua nova versão repaginada.

Contudo, realizar essa “revolução” passa por estratégias urbanas que segundo Ferreira(2010) no Brasil são nada mais do que “cópias de projetos de “sucesso” na ânsia de atrair investimentos. Entretanto, os grupos sociais que serão beneficiados são na maior parte as classes mais altas em detrimento dos moradores de baixa renda.

Focando na cidade de Porto Alegre, uma das sub-sedes escolhidas para a Copa do Mundo de 2014, temos escolhido o estádio Beira-Rio do Internacional como palco dos jogos. Hoje, na capital gaúcha temos somente Grêmio, Inter, São José, Cruzeiro e o novato Porto Alegre Futebol Clube disputando campeonatos oficiais, sendo que o Cruzeiro está se transferindo para Cachoeirinha, e o Grêmio constrói novo estádio no limite extremo norte da capital com o município de Canoas.

Realizando uma comparação, Montevidéu, a capital uruguaia, ainda hoje possui as características da Porto Alegre dos anos 50, de clubes profissionais representando os bairros da cidade. Dos 16 clubes da primeira divisão uruguaia atualmente, 13 são de Montevidéu, todos com seu estádio e sua torcida, mesmo que seja somente no bairro sede do clube. Isso deve-se não só pelo pequeno tamanho do país com um campeonato nacional de viagens curtas, mas principalmente pela estagnação econômica do Uruguai, que faz com que o interior do país permaneça um vazio demográfico, de onde fica muito difícil organizar e financiar um clube de futebol para viajar ao redor do país para disputar um campeonato.

Segundo Capel (2010) “As cidades lutam por promover sua imagem no mundo, e pelas conseqüências que isso tem para o turismo e para a atividade econômica”. E por essas conqüências, o poder público em todas suas esferas, trata como prioridade o planejamento e a execução de obras visando o evento. Para atender as exigências quanto à mobilidade urbana, a municipalidade de Porto Alegre e das demais cidades –sede da Copa do Mundo de 2014, pretendem investir dinheiro público em duplicação de avenidas, revitalização turística além de novos modelos de transporte público. Em Porto Alegre no modal rodoviário, já que a possibilidade de construção de metrô foi inviabilizada pelo governo federal.

Para ocorrer a padronização dos serviços oferecidos pela “indústria FIFA” durante a Copa do Mundo, fenômeno típico de facilitação da ótica capitalista na execução de serviços, a FIFA reuniu em um caderno de 250 páginas publicado em 2004 sob o nome de “*Football stadiums technical recommendations and requirements*” um manual que orienta a construção e reforma dos estádios para as Copas de 2006, 2010 e 2014. Ele possui basicamente 11 tópicos:

-Decisões de pré-construção: relacionado ao planejamento quanto à capacidade, futura demanda e localização (proximidade a aeroportos e transporte de massa).

-Orientação do Campo: orienta a direção norte-sul para os estádios devido a evitar possíveis ofuscamentos da transmissão por raios solares.

-Segurança: faz recomendações sobre sinalizações, acessos e saídas. Além de primeiros socorros e vigilância.

-Estacionamentos: exige vagas para torcedores, torcedores VIP, delegações, mídia e veículos de segurança em um raio de 1,5km do estádio.

-Área de Jogo: a FIFA recomenda um gramado de 105 metros de comprimento por 68 de largura e que não haja barreiras separando as arquibancadas do campo de jogo.

-Vestiários: entrada única e área de aquecimento de jogadores

-Conforto do público: recomenda-se assentos individuais e numerados, todos com total visibilidade e acessibilidade, além de cinco pontos de venda de produtos a cada 1.000 espectadores

-Hospitalidade: área VIP organizada pela própria FIFA.

-Mídia: a FIFA exige conforto à imprensa, como Cabines de imprensa abertas, centro de mídia, sala de coletivas de imprensa e zona mista.

-Energia: recomenda-se geradores reservas para evitar problemas de blecaute durante uma partida.

-Sustentabilidade: Programa “*Green Goal*”, da FIFA para a redução de emissões de CO2 em seus eventos, recomenda a rotatividade do uso da água no estádio, reuso de copos, coletas seletiva de lixo, venda de produtos sem embalagem, instalação de painéis de energia solar e incentivo ao transporte público para a locomoção até o estádio.

FIFA. “*Football stadiums technical recommendations and requirements*” (2004)

Ao analisar essas recomendações, que soam como exigências, vemos que para cumpri-las o maior investimento tem que ser realizado é dentro do estádio, os investimentos em mobilidade urbana e capacitação turística, apenas utilizam como justificativa o fato de milhões de turistas estarem se deslocando para as cidades na época de copa, e se baseiam na imitação no modelo de Barcelona, que tem como objetivo a transformação da cidade após sediar megaeventos.

Mas isso não vai acontecer em todas as cidades do planeta, um megaevento não é o passaporte garantido para o primeiro mundo, o que transforma uma cidade são investimentos bem feitos em setores em que a cidade possui demandas históricas.

Em países em desenvolvimento e com uma grande disparidade social como o Brasil e a Rússia, sede da Copa de 2018, sempre existe o risco das obras realizadas não estarem à serviço dos verdadeiros interesses da população, afinal as exigências para a realização de uma Copa do Mundo não são só da FIFA, são dos habitantes da cidade.

Com as resoluções para os estádios de Copa do Mundo, podemos entender que a FIFA exige para a competição é o modelo de “Arena Multiuso”. Símbolo disso, o Allianz Arena de Munique, palco da abertura do Mundial de 2006, segue o modelo de “Estádio-resort”, e é

uma máquina comercial para o espectador-consumidor, tal como a Amsterdam Arena. Esse recinto (Allianz Arena) é dotado de numerosos equipamentos cujo objetivo é garantir uma atividade contínua. Abriga quatro restaurantes –os dois times, Bayern e Munique 1860 possuem cada um, um restaurante-, uma cafeteria, 28 quiosques de alimentação e lojas de produtos. Também pode se utilizar o estádio para concertos e outros acontecimentos modificando as tribunas. Os patrocinadores e seus convidados dispõem de 104 camarotes. De momento não há previsto nenhum hotel, ao contrário da BayArena de Leverkusen, que também acolhe salas de conferência com vistas ao estádio, e confirma que a palavra “arena” está em voga” (Desbordes (2006) em Vanguardia p.20).

A grande cartada do patrocinador na hora de valorizar sua marca, e do clube na hora de potencializar o lucro de uma arena é firmar um contrato de “*namings*”.

Neste tipo de contrato, uma empresa paga ao clube ou à mantenedora do estádio um valor para batizar o empreendimento com o nome na empresa, como é o caso do Emirates Stadium em Londres, em que a empresa aérea árabe paga 150 milhões de euros por 15 anos de contrato com o Arsenal, ou o norte-americano

Gillette Stadium, em que o clube de futebol americano New England Patriots irá receber 265 milhões de euros por 25 anos de contrato com a multinacional.

Para adequar-se a isso os clubes brasileiros agem de diferentes formas para não perder o bonde do mercado. O Internacional e o Atlético Paranaense irão realizar as reformas solicitadas com dinheiro do próprio clube. No Atlético inclusive, já foi usada a estratégia do “*naming*”, onde durante 3 anos seu estádio foi batizado de “*Kyocera Arena*”. Nas suas novas “Arenas Multiuso”, Grêmio e Palmeiras esperam arrecadar vendendo o nome do estádio a uma empresa.

Mas para a Copa do Mundo de 2014, o grande facilitador e interventor desse sistema é o Estado. Dos 12 estádios que serão utilizados na Copa do Mundo, 10 são públicos, e em geral, todos mal administrados e sub-utilizados. Portanto, passa por um processo muito mais complicado a idéia de transformar as arenas brasileiras da Copa do mundo, em verdadeiras “Arenas Multiuso” nos moldes das européias.

A seguir será discutido estas transformações nos estádios dos dois maiores clubes de Porto Alegre, Grêmio e Internacional.

3.1. Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense: Baixada – Olímpico – Arena

O Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense é a marca esportiva que junto com o Sport Club internacional, eleva o nome da cidade mundialmente. Foi o primeiro clube da capital, junto com o Fussball Club Porto Alegre, fundado por alemães em 1903, e no começo de sua existência primava pela reunião germânica para a prática do futebol. Logo em 1904, segundo o site do clube⁴, constituiu-se como clube em terreno em um lugar chamado *Schützverein Platz* no bairro Moinhos de Vento, que abrigava a nova burguesia industrial de imigrantes. Se instalava ali o estádio da Baixada, com dois pavilhões de madeira e pequena capacidade de público.

Neste estádio o clube ficou por exatos 50 anos, quando cresceu em títulos e torcida. Como o estádio não tinha como ser expandido, o Grêmio adquiriu um terreno no bairro Azenha para a construção de um novo estádio, e a Baixada com o tempo foi repassada à prefeitura, que ali instalou o Parque Moinhos de Vento, e seu pavilhão principal, foi negociado com o Grêmio Esportivo Força e Luz, como parte do pagamento do passe do jogador Airton, que ficou conhecido pela alcunha Airton Pavilhão.

Após 4 anos de obras, inaugurou-se em 1954 o Estádio Olímpico Monumental, na época, o maior do estado, mas a conclusão de seu projeto completo só foi feita em 1980. Sua saída do bairro Moinhos de Vento coincidiu com a popularização do clube, que deixou de representar somente a elite germânica porto-alegrense.

Hoje, 56 anos após a inauguração do Estádio Olímpico, o clube começa a executar mais um projeto audacioso envolvendo a troca de sua casa. Um acordo entre o clube a construtora OAS, braço do Grupo Odebrecht, vai proporcionar a construção de um novo estádio para o clube no bairro Humaitá sem nenhum ônus à agremiação. A construtora erguerá o estádio em contrapartida à cessão da área do atual Estádio Olímpico pelo clube para a empresa. Assim, a OAS terá dois valiosos terrenos para executar empreendimentos imobiliários de alto nível.

Apesar de causar estranhamento pela distância do Centro da cidade, a nova Arena do Grêmio a ser construída no Humaitá, ocupará um terreno estratégico, um entroncamento rodoviário chave para o estado. Às margens da BR-290, e a poucos

⁴ www.gremio.net

quilômetros das três principais saídas da cidade, BR-116, Ponte Régis Bittencourt e a Futura BR-448 (Rodovia do Parque).

Essa centralidade é a aposta da construtora para complementar o projeto do estádio com o condomínio residencial. A distância e falta de estrutura do bairro se compensaria pelo fácil acesso, o que em poucos anos transformaria a região ao redor, atualmente industrial ou residencial de baixa renda, em um valioso centro residencial em crescimento com terrenos baratos. É a essência da especulação imobiliária, vinculada ao objeto arquitetônico estádio.

Contudo, o fato de todas as saídas da cidade estarem próximas do empreendimento, que, no primeiro momento é propagandeado como benéfico, em um momento futuro de esgotamento viário, pode gerar um gargalo chave para a circulação de pessoas e mercadorias da cidade, pois em um dia de jogo importante, o fluxo se somará ao natural de entrada e saída, e afunilará todas as vias da região.

Além disso, a transformação do bairro em zona de alta renda, passará por cima de 10.470 moradores do bairro, segundo dados do IBGE de 2000, a maioria das classes C e D, com grande parte fazendo parte de um programa de Prefeitura Municipal de Porto Alegre, de urbanização e realocação de vilas irregulares, o PIEC (Programa Integrado Entrada da Cidade), e que, ainda estão sendo transferidos para loteamentos construídos pelo DEMHAB (Departamento municipal de Habitação). Segundo as regras da concessão, esses imóveis não podem ser vendidos ou realocados, o que se tornará um entrave para o desejo das construtoras e imobiliárias da criação de um bairro vertical de alta renda no local, e futuramente tornando-se talvez, foco de resistência à especulação imobiliária.

Se a demolição de um estádio de bairro, já causa impacto no imaginário popular, com protestos e brigas internas dentro dos clubes, a possível implosão de um estádio ícone do futebol brasileiro, de um clube que segundo estimativas do seu site, conta com mais de 5 milhões de torcedores, vai se tornar um marco na história do esporte brasileiro. A construtora e o clube têm pouco tempo para convencer os torcedores mais descrentes, os que doaram tijolos e cimento para construir o Olímpico que aquele patrimônio será demolido para um bem maior, para uma maior funcionalidade capitalista do clube, para se adequar á nova ordem do futebol mundial que exige uma “Arena Multiuso”. A grande parte da torcida, principalmente a mais jovem, parece convencida de que este é o caminho natural do clube. E parece

mesmo, o caminho natural de todo clube e do esporte em geral, a transformação do campo em arena.

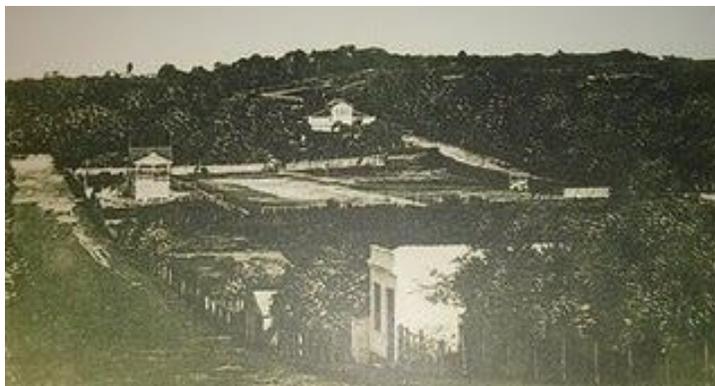


Figura 12: Estádio da Baixada, Moinhos de Vento

Fonte: Site do Grêmio FBPA



Figura 13: Estádio Olímpico nos anos 60

Fonte: Site do Grêmio FBPA



Figura 14: Futura Arena no Humaitá

Fonte: Site da ESPN Brasil⁵

⁵ www.espn.br

3.2. Eucaliptos e Beira-Rio, da Copa de 1950 à Copa de 2014.

Se existe uma ligação que este trabalho busca entre a Copa do Mundo de 1950 e a futura Copa do mundo de 2014, esta ligação está dentro do Sport Club Internacional. Poucos clubes no mundo têm e terão o privilégio de sediar em suas dependências dois mundiais de futebol. Já falamos neste trabalho sobre as transformações ocorridas no estádio dos Eucaliptos para o Mundial de 1950, e sobre as exigências que o Beira-Rio terá que cumprir para se adequar às normas da FIFA em 2014.

Futuro e passado se misturam no plano de reestruturação do Beira-Rio para a Copa do Mundo. Parte do dinheiro para as obras e melhorias no estádio Beira-Rio, virá da venda do antigo estádio, acertada neste ano de 2010 para a construtora gaúcha Melnick Even. O terreno, que desde 06 de Abril de 1969, data de inauguração do Beira-Rio, encontra-se abandonado em um bairro nobre e valorizado da capital, vai se transformar em mais um conjunto residencial. Além do valor arrecadado, soma-se ao clube, o prejuízo mensal que deixará de ocorrer com a manutenção do patrimônio que não possuía utilidade aparente para as pretensões do clube.

Segundo o site do clube⁶, esse dinheiro será investido na modernização do Complexo Beira-Rio para sediar a Copa do Mundo de 2014, que compreenderá a construção de um estacionamento vertical, a reforma do Ginásio Gigantinho para receber espetáculos e convenções, a remodelação dos campos suplementares, a construção de um hotel mediante investimento de alguma empresa hoteleira parceira, a adequação da arquibancada inferior às exigências da FIFA, eliminando o fosso e a arquibancada conhecida como “coréia”, a cobertura total do estádio por uma estrutura metálica modular, novas cabines de imprensa, além de uma marina na orla do Lago Guaíba.

Segundo Lima (Jornal do Comércio 29/08/10), a substituição dos estádios por grandes empreendimentos imobiliários nos bairros já consolidados deverá causar impactos nas áreas de infraestrutura, esgoto, abastecimento de água, acesso de veículos, entre outros fatores, e que os estádios tradicionais farão falta ao patrimônio

histórico e arquitetônico da cidade. Segundo ela, “Esses complexos já fazem parte da cultura local, são monumentos dedicados ao lazer de grandes públicos.”



Figura 15: Estádio dos Eucaliptos, bairro Menino Deus, nos anos 50.
Fonte: Site do S.C.Internacional⁷



Figura 16: Hall de Entrada do Estádio dos Eucaliptos (2010)
Fonte: O Autor (2010)

⁷ www.internacional.com.br



Figura 17: Beira-Rio Modernizado

Fonte: Site do SC Internacional

4. Considerações Finais

“O desprezo de muitos intelectuais conservadores se baseia na certeza que a idolatria da bola é a superstição que o povo merece. Por outro lado, os intelectuais de esquerda desqualificam o futebol porque castra as massas e desvia sua energia revolucionária”

A realização deste trabalho, objetiva conscientizar a comunidade, os dirigentes de clubes e o poder público no sentido de preservar os estádios como memória e símbolo do futebol no Rio Grande do Sul, não apenas como um monumento, mas como um lugar de pessoas, onde algum investimento público ou privado possa agir no intuito de promover algum benefício para a comunidade, tanto para os bairros nos quais figuram, quanto para a toda a população da cidade.

Seja revitalizando os clubes, recolocando-o em posições de destaque em competições oficiais, seja fazendo do estádio um centro comunitário, com escolas de futebol para crianças, escola de ensino fundamental, telecentro e outros serviços.

Também se espera deste trabalho uma guinada na visão do futebol pela classe científica, incentivando novas pesquisas que tratem deste tema dentro da geografia, ajudando a desmistificar um certo preconceito com o estudo acadêmico do futebol, preconceito este, oriundo da apropriação dos sentimentos nacionais e clubísticos do futebol pelo regime militar brasileiro nos anos 70, que influenciou até hoje o meio acadêmico e a sociedade como um todo a acreditar que o futebol faça parte de uma política governamental de “pão e circo” para desestimular a população a se preocupar com os problemas políticos se importando apenas com as questões relacionadas com o futebol.

Assim, pretende-se auxiliar na conscientização das comunidades e governantes no sentido de respeitar o futebol como elemento cultural, principalmente no Brasil, um país muito ligado historicamente com o esporte como possibilidade de lazer e também como forma de integração social, tanto em bairros pobres como em bairros de renda mais alta.

Compreender a história da transformação do papel dos estádios na dinâmica urbana é também compreender a história da urbanização das cidades latino-americanas, o que Santos (1980) chama de “*urbanização terciária*”. Pois, um estádio nada mais é do que um instrumento de lazer de uma determinada população, e que,

impreterivelmente sempre deve estar acompanhado de outros serviços básicos tão importantes quanto.

Ao fazermos uma discussão sobre a cidade empreendedora, e os custos e benefícios de sediar um mega-evento, podemos entender o processo de transformação da gestão urbana para empreendedorista.

Acompanhando as novas exigências e serem acatadas pelas cidades-sede, coloca-se em pauta questões a serem solucionadas em Porto Alegre, para que aproveite a possibilidade de ser uma sub-sede da Copa do Mundo de 2014 e transforme a vida da população através de obras de arte urbanas e melhorias no sistema de transporte, saúde e hospedagem. Pensando sempre nos benefícios para a população na frente dos interesses privados.

Estudar a transformação que um estádio provoca na dinâmica urbana, com sua função de “ícone” arquitetônico é importante para analisarmos como ocorre o crescimento e declínio dos bairros da cidade, através do investimento capitalista dos agentes imobiliários de intervenção urbana.

Há de se ter cuidado, quando do investimento nesse tipo de construção com o uso e a sustentabilidade de um estádio dentro de uma cidade, pois, vemos ao redor do mundo a existência dos chamados “elefantes brancos”, estádios construídos especificamente para determinado evento efêmero, e que após o fim do evento, acabam não possuindo nenhuma função dentro da cidade, nem esportiva e nem social, o que desinteressa a população e os investidores, ocasionando o abandono e deterioração de um equipamento que custou caro à população.

Portanto, a construção de uma arena esportiva, deve ser acompanhada de estudos nas mais diversas áreas, como seu uso e o impacto urbano, para seja um investimento definitivo e que transforme positivamente um bairro ou uma cidade. Espera-se que este trabalho, que alia um histórico com as perspectivas futuras, auxilie na caminhada da cidade de Porto Alegre para mais uma Copa do Mundo, além de alertar para que os gestores urbanos pensem a cidade a cidade de maneira inteligente, usando os megaeventos para trazer qualidade de vida à população.

BIBLIOGRAFIA

- BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elemento da problemática para uma geografia cultural. In: Correa, R. Rosendahl, Z (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: Correa, Roberto L. Rosendahl, Zeny (Orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998.
- DIENSTMANN, C. *Campeonato Gaúcho: 68 Anos de História*, Porto Alegre: Sulina, 1987. p. 32-36.
- GRATON, C. The Economics of Modern Sport. *Culture, Sport and Society*, 1(1), Maio 1998
- MASCARENHAS, G. À Geografia dos Esportes. Uma Introdução In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales de la Universidad de Barcelona*. n.35. 1999
- PRONI, M. W. *Esporte-Espectáculo e Futebol-Empresa*. Tese de doutorado, Campinas: FEF/UNICAMP, 1998.
- STROHAECKER, T. M. Atuação do Público e do Privado na Estruturação do Mercado de Terras em Porto Alegre In: *Revista Brasileira de Geografia*. v.57. 1995. p. 101-108.
- SÁNCHEZ, F.; BIENENSTEIN, G.; MASCARENHAS, G. Mega-eventos deportivos en Rio de Janeiro: coaliciones políticas e inversiones simbólicas. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 895 (14), 5 de novembro de 2010. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-895/b3w-895-14.htm>>
- CAPEL, H. Los Juegos Olímpicos, entre el urbanismo, el marketing y los consensos sociales. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 895 (1), 5 de novembro de 2010. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-895/b3w-895-1.htm>>.
- MONTEIRO, C. Memória e esquecimento nas artes de lembrar a cidade de Porto Alegre nas crônicas de Nilo Ruschel », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/1534>. Consultado em 22 de novembro 2010.
- FERREIRA, A. O projeto “Porto Maravilha” no Rio de Janeiro: inspiração em Barcelona e produção a serviço do capital ?. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, Vol. XV, nº 895 (21), 5 de novembro de 2010. <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-895/b3w-895-21.htm>>.
- ELIAS, N. e DUNNING, E.. *Quest for excitement. Sport and Leisure in the Civilizing process*. Oxford. Basil Blackwell Publisher, 1986. Em www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/10_AlvaroCABO_IISeminarioPPGCOM.pdf
- FIFA. *Football stadiums technical recommendations and requirements*, 2004, em http://www.fifa.com/mm/document/tournament/competition/51/54/02/football_stadiums_technical_recommendations_and_requirements_en_8211.pdf, Dezembro de 2010
- BONIFACE, P. “El fútbol, fenómeno global por excelencia”, *Vanguardia*, Barcelona, n.20, p.6-15, Jul.2006
- DESBORDES, M. “Los clubs, una relación histórica e íntima con las empresas”, *Vanguardia*, Barcelona, n.20, p.19-29, Jul.2006
- GALEANO, E. *Futebol ao Sol e à Sombra*, Porto Alegre, L&PM, 2010.

HORN, L. *Um estudo histórico sobre a torcida do 'Grêmio Esportivo Renner' de Porto Alegre/RS(1945-1959)*, Porto Alegre:UFRGS , 06 de Dezembro em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/6029/5360>
GEORGE, P. *Geografia Urbana*, São Paulo, Difel, 1983
SANTOS, M. *Manual de Geografia Urbana*, São Paulo, Hucitec, 1989
HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*, São Paulo, Annablume, 2005
Zero Hora, 1996. *Coluna de Ruy Carlos Ostermann*. Porto Alegre, janeiro, 1996. p.66.
Zero Hora, 1999. *Série Antigos Estádios. P.2*. Porto Alegre, maio, 1999. p.11

Sites Consultados:

Scripta Nova, Universidad de Barcelona. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-35.htm>. Acessado em Dezembro de 2009
Distintivos.com.br. Disponível em: www.distintivos.com.br. Acessado em Novembro de 2008
Site do EC Cruzeiro. Disponível em <http://www.cruzeiropoa.com.br/clube/curiosidades> em 04/12/10. Acessado em Dezembro de 2010
Site do SC Internacional. Disponível em: www.internacional.com.br. Acessado em Dezembro de 2010
Site do Grêmio FBPA. Disponível em www.gremio.net. Acessado em Dezembro de 2010.
ESEF UFRGS. Disponível em: <http://www.esef.ufrgs.br/historia.htm> Acessado em 05/12/10
Secretaria de Planejamento de Porto Alegre. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/>. Acessado em 07/12/10
<http://www.efdeportes.com/efd86/copa.htm> em 08/12/10
Crescimento muda o mapa do futebol em Porto Alegre em <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=36373&codp=253&codni=3> em 08/12/10
Revista VEJA, Abril de 1948 em <http://copasportoalegre.blogspot.com/> em 09/12/10
A metamorfose dos estádios em <http://economia.ig.com.br/empresas/comercioservicos/a+metamorfose+dos+estadios/n1237780587391.html>. Acessado em 09/12/10
Blog Relíquias do Futebol. Disponível em [HTTP://reliquiasdofutebol.blogspot.com](http://reliquiasdofutebol.blogspot.com). Acessado em Dezembro de 2010
Blog Leal e Valorosa. Disponível em [HTTP://lealevalorosa.blogspot.com](http://lealevalorosa.blogspot.com). Acessado em Dezembro de 2010.